

A IMPORTÂNCIA DO GÊNERO DISCURSIVO NA SALA DE AULA

Autora (Lucélia da Cruz Silva); Coautora (Marcelli de Souza da Silva); Orientadora (Profa. Dra. Edileide de Souza Godoi).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

E-mail: luceliatst85@yahoo.com.br, marcellisouza1@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a importância dos gêneros discursivos na sala de aula. Esses, segundo Bakhtin (2004), são formas relativamente estáveis de enunciados através dos quais nos comunicamos. O ensino de língua materna numa perspectiva dos gêneros discursivos é considerado promotor de letramento na escola, visto que permite aprofundar a estruturação de situações que favorecem a apropriação do Sistema de Escrita em diferentes contextos sócio comunicativos. Em consonância com os PCN's, acreditamos que, no contexto escolar, um dos principais objetivos da inserção dos gêneros no ensino de língua portuguesa é oferecer aos alunos competência linguística, ou seja, proporcioná-los uma aprendizagem que contemple as mais diversas condições de comunicação. Desse modo, defendemos a potencialização da formação de leitores críticos e produtores de textos conscientes do lugar que ocupam e de sua capacidade de interagir socialmente. Para tanto é preciso ensiná-los a perceberem que os sentidos dos enunciados não estão prontos e acabados na estrutura morfossintática que os sustentam, mas inseridos em determinados contextos de produção. Toda essa discussão será embasada a partir dos postulados de Bakhtin (2004) em torno dos gêneros discursivos e, dos direcionamentos de Marcuschi (2008), Antunes (2006) e dos PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais). Fazer uma reflexão que envolva a importância dos gêneros na sala de aula resultam leitores/ "escritores" capazes de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações. Em conclusão, pode-se dizer que resulta numa inserção do aluno na realidade social, constituindo-o como sujeito dialógico que se transforma e, simultaneamente, modificam o meio social em que vive.

Palavras - chave: Gêneros discursivos, PCN's, Leitura e Produção Textual.

INTRODUÇÃO

Pretendemos neste artigo abordar a importância dos gêneros do discurso, orais ou escritos, em sala de aula, para o ensino da leitura e produção textual. Para tanto, utilizamos, em nossa metodologia, a perspectiva teórico-analítica, uma vez que nos debruçamos no aporte Bakhtiniano, Marcuschi, Antunes e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.

Existe uma diversidade de gêneros discursivos, e por isso, é importante que as pessoas conheçam e familiarizem-se com os mesmos, já que eles permeiam a cultura letrada da sociedade, ou seja, para isso é preciso saber produzir vários gêneros textuais para que se possa ter uma visão mais ampla da língua.

Em relação à leitura, ela se trata da realização do objetivo da escrita. Para Antunes (2009, p.191) a leitura é a outra face da escrita, “tudo que é escrito se completa quando é lido por alguém”, escrever e ler são duas ações distintas, da mesma trama. Quem escreve, escreve para ser lido, pois são momentos indissociáveis. Ler é um processo de descoberta, às vezes requerendo um trabalho paciente, outras vezes é feita de forma superficial ou lúdica. A leitura é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem da mesma maneira. Ao contrário da escrita, que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização e de reflexão.

No que se refere à leitura dos gêneros textuais no desenvolvimento de competências e habilidades críticas e reflexivas de jovens leitores é contemplado, como afirma Antunes (2006), que a leitura faz parte da interação verbal da escrita, enquanto ela implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido, além das intenções pretendidas pelo autor. Dessa forma, entende-se que para qualquer futura produção textual fica pressuposta uma base de leitura interpretativa.

Em prossecução, ler é uma atividade tão importante quanto à produção de textos, principalmente para crianças, jovens e adultos em processo de alfabetização que, em muitos casos, vivem praticamente sem escrever, mas não sem ler. Para Antunes (2009), ter acesso à leitura como processo de aprendizado é exercer o direito a escrita.

Nesse sentido, para a produção de um texto atingir o objetivo central no processo de ensino e aprendizado da língua portuguesa, o aluno precisa aprender a construir um texto que provoque no interlocutor as reações que ele, autor, deseja e, para isso, precisa ter em mente o seu público-alvo, seu objetivo ou a finalidade do texto, sobre o que vai escrever e onde o texto vai circular, isto é, produzir um conjunto de informações articuladas possibilita ao aluno/autor selecionar, apropriar-se dos recursos de um gênero e os efetivar numa leitura e escrita significativa que podem ser aprendidas na escola através das características de cada gênero.

Assim sendo, observa-se que Bakhtin (1992/1979) e Marcuschi (2003), consideram que os gêneros aparecem na fala e na escrita dentro de um *continuum tipológico* das práticas sociais de

produção textual. Ressalta-se que Bakhtin (1995) relata que a enunciação é um produto da relação social, além de completar qualquer enunciado que faz parte de um gênero.

Define que em todas as esferas da atividade humana, a utilização da língua se realiza em enunciado oral e escrito. Como também, classifica os gêneros em dois grupos, os que são primários que estão relacionados com o cotidiano e os secundários que são considerados os mais complexos, que se referem ao discurso científico, teatro, entre outros.

Dessa forma, o mestre russo (1979), explica que os gêneros são aprendidos no decorrer da vida, como participantes de um determinado grupo social. Ou seja, os gêneros são classificados como padrões comunicativos, que são utilizados socialmente e funcionam como modelos comunicativos na sociedade de forma concreta.

O GÊNERO DISCURSIVO NA SALA DE AULA

Segundo Marcuschi (2000), os domínios discursivos designam uma esfera de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são exatamente textos e nem discursos, mas proporcionam condições para o surgimento de discursos específicos. Em relação aos domínios, é importante enfatizar que produzimos discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso, entre outros.

Esses discursos não abrangem um gênero específico, já que originam outros gêneros. Já os tipos textuais, abrangem algumas categorias como: argumentação, exposição, descrição, injunção e narração. Então, Marcuschi (2008) ressalta que o ensino tenha como foco o aprendizado da língua portuguesa, o trabalho com os gêneros textuais tanto na língua falada como na escrita, visto que o estudo dos gêneros é uma área fértil interdisciplinar para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais.

Entretanto, costumamos verificar em nosso sistema educacional que os alunos em geral não possuem conhecimentos e vivência de práticas sociais de letramento que envolve certos gêneros discursivos, de forma a colocá-los diante de ações efetivamente reais de comunicação.

É preciso que isso se modifique, pois a noção de gênero discursivo reporta do funcionamento da língua em práticas comunicativas reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem e se comunicam nas diferentes esferas das relações humanas; isso deve ser levado em conta em uma sala de aula, onde, na maior parte do tempo, o professor tem uma atitude enunciativa de locutor (intuito discursivo) em relação aos alunos que são os interlocutores e, de certa forma, não se limitam a compreender o professor.

Nesse sentido, podemos constatar considerando ao que foi exposto, que os gêneros discursivos possibilitam ao indivíduo a apropriação da realidade social e a sua constituição como sujeitos dialógicos, que se transformam e, simultaneamente, transformam o meio social.

O ensino da Língua Portuguesa, pautado na perspectiva bakhtiniana em sala de aula, requer práticas pedagógicas baseadas no uso da linguagem em situações reais de comunicação, objetivando a leitura e a produção dos gêneros discursivos.

Com base na teoria de Bakhtin (2003), sabemos que existe uma questão didática relevante em relação à transposição de um gênero de sua instituição de origem para a sala de aula, pois as interações humanas são constituídas em gêneros discursivos presentes nas diferentes esferas sociais, ou seja, há uma grande diversidade de uso da língua.

Dessa forma, a escola tem o dever de formar bons escritores e leitores, mas, para isso, é necessário uma metodologia que trabalhe com os diferentes gêneros textuais que fazem parte da sociedade. Pois, agindo assim estará dando oportunidade ao aluno de ter contato com práticas sociais da leitura e da escrita em situações reais de comunicação, em que os gêneros são tidos como produto sócio discursivo, permitindo a interação entre os usuários da língua.

Como se vê, Bakhtin aborda os gêneros numa perspectiva dialógica da linguagem, ou seja, a dimensão verbal do gênero não é dissociada da dimensão extra verbal. Dessa forma, propõe reflexões sobre o método de ensino de língua materna, para que ela seja significativa para o aluno e para que o mesmo possa conhecer a função social e os aspectos estilísticos- composicionais de diversos textos, escolhendo o gênero discursivo mais adequado de acordo com a situação comunicativa.

Em acordo com os PCN's (1999), fica claro que eles são pautados na reflexão Bakhtiniana:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional - estão indissolúvelmente ligados ao todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação (Bakhtin, 2003, pp. 261-262).

Assim sendo, o autor esclarece que a forma mais eficiente de se aprender o sistema de uma língua, é através do uso dos gêneros discursivos, tanto orais como escritos. Pois, a linguagem verbal não está limitada ao âmbito gramatical, já que o sistema linguístico é somente o meio de materializar o extra verbal em que o linguístico e o extra verbal não podem se separar no estudo da linguagem.

Bakhtin (2004), ressalta que a comunicação verbal acontece através dos gêneros discursivos e que propõe reflexões que são contra à um ensino de produção textual que se centra nas sequências

textuais, ou seja, tipos textuais, que geralmente são consideradas objeto de estudo nas aulas de produção textual.

Já Marcuschi (2005), alicerçado em Bakhtin, faz uma diferenciação entre os gêneros e as tipologias, mostrando as distinções entre eles. Afirma que se usa a expressão *tipo textual* para definir um tipo de sequência definida teoricamente pela natureza linguística de sua composição, que são: aspectos sintáticos, lexicais, tempos verbais e relações lógicas.

Sobre a expressão *gênero textual*, ele define como uma noção para se referir aos textos materializados que se encontram no cotidiano e que apresentam características sócio comunicativas que se definem por conteúdos, estilo, propriedades funcionais e composição característica.

Além disso, o autor considera a existência de cinco sequências, ou seja, tipologias, que são: argumentativa, narrativa, injuntiva, descritiva e expositiva. Em relação aos gêneros, eles são considerados inúmeros, exemplos: carta, reportagem, bilhete, telefonema, aula expositiva, lista de compras, convite, entre outros.

Então, para Marcuschi, todo texto pertence a um determinado gênero, e estão embutidas nele as tipologias. Como também, ressalta que elas não devem ser estudadas como construto máximo do texto, mas somente como um dos componentes dos gêneros. É importante enfatizar que o texto pode ser misto tipologicamente, isto é, em um mesmo texto pode ter várias tipologias ao mesmo tempo, e que às vezes, é complicado identificar a tipologia predominante.

Ultimamente, essas diferenciações entre gêneros e tipologias vêm alertando as escolas e favorecendo mudanças no ensino aprendizagem de leitura e produção de textos. Pois, as tipologias estão sendo vistas como uma parte que constitui os gêneros e não como um texto em si. Já que quando se trabalha com os gêneros textuais, está também desenvolvendo conhecimentos que referem-se às tipologias, e além disso, o uso da linguagem não acontece por meio das tipologias, mas sim através dos gêneros.

GÊNEROS TEXTUAIS E ESFERAS DE CIRCULAÇÃO

Os gêneros são tão diversos quanto permite a esfera da atividade humana em que se produz a linguagem. Assim, cada esfera elabora seus gêneros, de acordo com aspectos sociais próprios, finalidades comunicativas e especificidades das situações de interação em que os enunciados estão sendo produzidos.

Com isso, vejamos a relação dos diferentes gêneros textuais e as esferas de circulação de cada um deles.

COTIDIANA: Adivinhas, Diário, Álbum de Família Exposição Oral, Anequias, Fotos, Bilhetes, Músicas, Cantigas de Roda, Parlendas, Carta Pessoal, Piadas, Cartão, Provérbios, Cartão - Postal, Quadrinhos, Receitas, Comunicado, Relatos de Experiência, Convites, Trava-Línguas, Curriculum Vitae.

LITERÁRIA/ARTÍSTICA: Autobiografia, Letras de Músicas, Biografias, Narrativas de Aventura, Contos, Narrativas de Enigma, Contos de Fadas, Narrativas de Ficção, Contos de Fadas, Narrativas de Humor, Crônicas de Ficção, Narrativas de Terror, Escultura, Narrativas Fantásticas, Fábulas, Narrativas Míticas, Fábulas Contemporâneas, Paródias, Haicai, Pinturas, Histórias em Quadrinhos, Poemas, Lendas, Romances, Literatura de Cordel, Textos Dramáticos.

CIENTÍFICA: Artigos, Relato Histórico, Conferência, Relatório, Debate, Palestra, Verbetes, Pesquisas.

ESCOLAR: Ata, Relato Histórico, Cartazes, Relatório, Debate, Regrado, Relatos de Experiências, Diálogo/Discussão Argumentativa Científica, Exposição Oral, Resenha, Júri Simulado, Resumo, Mapas, Seminário, Palestra, Texto Argumentativo, Pesquisas, Artigo de Opinião, Verbetes de Enciclopédias.

IMPrensa: Agenda Cultural, Fotos, Anúncio de Emprego, Horóscopo, Artigo de Opinião, Infográfico, Caricatura, Manchete, Carta ao Leitor, Mapas, Mesa Redonda, Cartum, Notícia, Charge, Reportagens, Classificados, Resenha Crítica, Crônica Jornalística, Sinopses de Filmes, Editorial, Tiras, Entrevista (oral e escrita).

PUBLICITÁRIA: Anúncio, Músicas, Caricatura, Paródia, Cartazes, Placas, Comercial para TV, Publicidade Comercial, E-mail, Publicidade Institucional, Folder, Publicidade Oficial, Fotos, Texto Político, Slogan.

POLÍTICA: Abaixo-Assinado, Debate Regrado, Assembleia, Discurso Político “de Palanque”, Carta de Emprego, Fórum, Carta de Reclamação, Manifesto, Carta de Solicitação, Mesa Redonda, Debate, Panfletos.

JURÍDICA: Boletim de Ocorrência, Estatutos, Constituição Brasileira, Leis, Contrato, Ofício, Declaração de Direitos, Procuração, Depoimentos, Regimentos, Discurso de Acusação, Regulamentos, Discurso de Defesa, Requerimentos.

PRODUÇÃO E CONSUMO: Bulas, Relato Histórico, Manual Técnico, Relatório, Placas, Relatos de Experiências Científicas, Resenha, Resumo, Seminário, Texto Argumentativo, Texto de Opinião, Verbetes de Enciclopédias.

MIDIÁTICA: Blog, Reality Show, Chat, Talk Show, Desenho Animado, Telejornal, E-mail, Telenovelas, Entrevista, Torpedos, Filmes, Vídeo Clip, Fotoblog, Vídeo Conferência, Home Page.

Além disso, estudar e pesquisar os gêneros discursivos na prática é fundamental, pois garante ao estudante um conhecimento que acabará sendo internalizado e aprendido de fato. Ou seja, melhor que memorizar ou decorar quais os tipos e estruturas dos gêneros é saber identificá-los na prática por conhecimento próprio.

Por isso, todo professor disposto a ampliar o discurso escrito de seus alunos pode introduzir gradativamente atividades que explorem, por exemplo, o gênero convite, levando em conta à escrita, a reescrita e a leitura em voz alta do próprio texto. A reescrita é fundamental para o aperfeiçoamento do texto; a prática da leitura em voz alta, por sua vez, favorece a interação entre as pessoas, contribuindo na formação do leitor e no desenvolvimento global de sua capacidade comunicativa.

AS INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS DO PROFESSOR NA MEDIAÇÃO DO TRABALHO COM OS GÊNEROS DISCURSIVOS EM SALA DE AULA.

Ao trabalharmos com esse tema, constatamos que muitos alunos quando concluem o Ensino Básico, não desenvolvem habilidades satisfatórias no que se refere à leitura e a escrita. Isso acontece, devido o ensino de Língua Portuguesa ter como preferência o ensino da gramática normativa, ou seja, um ensino sem contexto de uso.

Como também, mesmo que os gêneros textuais estejam sendo muito utilizados como objeto de ensino, percebe-se que ainda não houve uma mudança de ensino significativa, já que o que mais ensina sobre os gêneros são os seus aspectos estruturais, inferiorizando os aspectos extra verbais, como as ideologias, os interlocutores, a função social e a intenção. Pois, o ensino continua dando prioridade na forma e não na função da língua.

Nesse sentido, Bakhtin (2004), ignora o ensino de Língua Portuguesa que dar prioridade ao ensino da língua como sistema fechado, já que para ele, a língua não pode ser separada da vida real.

Pois, agindo ao contrário surgirão leitores que sejam capazes não só de fazer a leitura superficial de um gênero, mas também inferir sentido aos enunciados; leitores competentes para utilizar os gêneros nas mais diversas situações em que o discurso seja o mediador da comunicação.

Vale ressaltar que existem várias vertentes que destacam a importância dos gêneros na prática pedagógica do cotidiano escolar, considerando que cabe às escolas, mais especificamente

aos professores, utilizar os gêneros discursivos como elemento facilitador no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. Em outras palavras, em uma ação discursiva na escola, pois é pela linguagem que o indivíduo se constitui sujeito, um ser historicamente inserido no contexto social, cultural e, acima de tudo, concreto. Nessa perspectiva, visto como sujeito ativo.

Neste sentido, verificamos que trabalhar gêneros discursivos diversos permite o uso adequado da linguagem em determinadas situações, algo que é muito gratificante e significativo para prática docente e inserção social do aluno.

Contudo, os alunos precisam perceber a finalidade do gênero discursivo, seus recursos linguísticos e o sentido desejado, isto é, a sua funcionalidade e aplicabilidade. É necessário, algumas vezes, que eles possam identificar, quem e para quem o texto está se referindo, qual situação e qual seu objetivo, percebendo a ironia ou seu humor de acordo com o texto.

Todavia, é preciso compreender também que a escola tem como meta principal formar cidadãos conscientes e capazes de fazer leituras de mundo de forma crítica. No entanto, a leitura deve ser trabalhada em todas as disciplinas, de forma que os alunos devam conhecer as particularidades dos textos utilizados, por exemplo, em aulas de ciências naturais e demais disciplinas, mesmo porque, conforme Antunes (2009) não cabe apenas ao professor de Língua Portuguesa cuidar da leitura e de outras habilidades comunicativas, mas essa é uma obrigação também tanto da escola de forma geral como aos professores de todas as outras disciplinas, bem como da família.

A partir disso a teoria bakhtiniana busca oferecer uma visão de estudo de língua centrada nos gêneros textuais, mas numa abordagem que não priorize ou se restrinja à forma e, sim que estude o gênero como um todo, em seus aspectos linguísticos e sócio históricos.

Em conformidade com a teoria anteriormente explicitada, podemos citar como exemplo de gênero discursivo a ser trabalhado em sala de aula, o gênero convite, pois será a partir de uma situação real de comunicação: festa junina, que ao produzirem esse gênero, os alunos irão adquirir a consciência das condições de produção e função social do gênero.

Ao escreverem o convite, os alunos são levados a perceberem que esse gênero surgiu de uma necessidade da vida real (por exemplo, necessidade de convidar pessoas para uma festa). Isso favoreceu o entendimento de que, por meio dos gêneros, praticamos ações.

Contudo, os convites por serem produzidos em situações concretas da comunicação são inerentemente dialógicos, visto que a produção sempre ocorre num processo de interação social, ou seja, o convite surge como resposta a uma situação real (realização da festa junina); tendo como

intenção convidar as pessoas para a festa, visando a uma apreciação por parte do leitor, isto é, uma resposta de aceitação ou recusa do convite.

À medida que essas relações dialógicas acontecerem naturalmente na linguagem, sempre que empregada em situações concretas de uso, então, cabe à escola utilizar metodologias que levem o aluno a entender que o seu discurso não está solto na comunicação verbal, mas mantém um elo com os outros discursos, visto que um texto é tecido a partir de outros textos, outras vozes discursivas se entrelaçam nos enunciados. Para Antunes (2009, p.162) “todos os nossos discursos apenas continuam os discursos anteriores, e a originalidade total de cada discurso está, simplesmente, em nunca ser a primeira palavra”.

Ou seja, somente em uma situação real de uso, o gênero é perpassado pelas relações dialógicas, pois fora de um contexto social, teríamos apenas um texto enquanto materialidade verbal, sem nem um elo com futuros enunciados, dito a ninguém, sem expressar nenhuma intenção e sem manter um elo na enunciação viva.

Em síntese, consideramos sem sentido pedir ao aluno que escreva uma dissertação, narração ou outra tipologia, visto que as tipologias, como foram vistas, são apenas elementos constitutivos de um todo comunicativo, que é o gênero. A metodologia para um trabalho em sala de aula como o convite tem a preocupação de não se restringir a aspectos linguísticos, mas também verificar que estes serão resultados de aspectos ligados ao extra verbal.

Por fim acreditamos que, somente, tendo em mente um interlocutor, uma situação concreta de comunicação, mesmo que seja simulada, já que, às vezes não é tão fácil encontrar situações reais para a produção textual dentro da escola, o aluno terá como direcionar adequadamente suas escolhas linguísticas, pois quando se escreve para ninguém (escrita fora de um contexto social), não se tem como e porque preocupar-se com adequação da linguagem.

Portanto, esse gênero nas aulas de Língua Portuguesa pode ser um caminho para alcançar com maior eficácia os objetivos do ensino da língua materna. É com o uso do texto que se estabelece a comunicação, ampliam-se as ideias e pontos de vista, garantindo-se um melhor entendimento da sociedade e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento das relações que nela se estabelecem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou problematizar o processo de ensino e aprendizado da língua

através dos usos variados de gêneros discursivos em sala de aula, pois compreendemos que o trabalho com os gêneros discursivos é uma ferramenta muito importante no ensino da Língua Portuguesa

Com isso, o trabalho os gêneros discursivos é fundamental para o desenvolvimento dos alunos no que se refere ao ensino-aprendizagem de leitura e escrita e, especialmente nas produções textuais. Para tanto, é imprescindível levá-los a possibilidade de conhecer a fundo as reais características de cada gênero, para que eles possam entender como se constituem e saber também interpretá-los.

Por fim, ao estudar a língua, tendo como suporte teórico as noções de gênero do discurso permite que o aluno desenvolva competências sociocomunicativas para enfrentar com maior sucesso possível experiências de forma eficaz. Ter acesso às habilidades comunicativas significa, de alguma maneira, exercer o direito a escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola, 2006.
- ANTUNES, Irandé. **Língua texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1929].
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. 1926. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/96529004/M-Bakhtin-Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte>>. Acesso em: 22 ago. 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- VOLOSCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre a poética sociológica)**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza [para fins didáticos]. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
- MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização – 4ª ed.** – São Paulo, Cortez, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In. DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel Machado; BEZERRA, Maria. Auxiliadora. **Gêneros Textuais e Ensino**. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna 2005.